

ANATOMIAS POR MEIO DA ÓTICA DA EDUCAÇÃO PELO MOVIMENTO: O ENTENDIMENTO PODE PASSAR PELO CORPO, PROPORCIONANDO À PESSOA UMA EXPERIÊNCIA DE SI MESMA.

Vanessa Matos Rodrigues - vanematosr@gmail.com

Profª Drª Jacyan Castilho

RESUMO

O estudo da história da Anatomia leva-nos a repensar o termo, limitado comumente ao estudo do cadáver, ressignificando-o dentro da compreensão das *anatomias* (anátomo-cinesio-fisiológica, histológica, microscópica, macroscópica, patológica, ontológica, ontogênica, filogênica, social, geográfica, ancestral, do movimento, emocional, mental, sensível, vibracional, energética, sagrada, da bem-aventurança, experimentada, artística) que compõe a vida do ser humano. O presente artigo aponta para uma sintética revisão bibliográfica e crítica da história da anatomia humana, buscando compreender o ensino-aprendizagem dessa disciplina dentro do contexto acadêmico das ciências que estudam o corpo na saúde e na doença, na atualidade. A hipótese proposta é a da integração dos saberes das ciências do corpo na saúde e na doença com os da Educação Somática, no ensino-aprendizagem da anatomia humana. São apresentados, assim, conceitos da Metodologia Angel Vianna (MAV) – legitimada há vinte e nove anos no ensino-aprendizagem do coletivo dessa escola e faculdade que se apresentam potencialmente capazes de promover um aprendizado da anatomia experimentada no próprio corpo do estudante, como didática prática-ativa, na filosofia pedagógica da Escola e Faculdade Angel Vianna (RJ). Aguçamos o interesse pelo fato da MAV abordar a anatomia experimentada no corpo vivo, por meio da consciência corporal pelo movimento, como autoconhecimento e reconhecimento das estruturas que formam o corpo, desenvolvendo nas aulas de consciência corporal pelo movimento o estudo vivencia da anátomo-cinesio-fisiologia, dentro dos princípios: acordar, sentir, perceber, mover, expressar, dançar.

Palavras- chave: Anatomia, Anatomia Experimentada, Consciência Corporal, Educação pelo Movimento, Metodologia Angel Vianna (MAV).

**ANATOMIES THROUGH THE PERSPECTIVE OF EDUCATION THROUGH
THE MOVEMENT: UNDERSTANDING CAN GO THROUGH THE BODY,
PROVIDING TO THE PERSON AN EXPERIENCE OF ONESELF.**

Vanessa Matos Rodrigues - vanematosr@gmail.com

Prof Dr Jacyan Castilho

ABSTRACT

The study of Anatomy's history take us to rethink the term, commonly limited to the study of the cadaver, giving new meaning to it within the understanding of the anatomies (anatomical-kinetic-physiological, histological, microscopic, macroscopic, pathological, ontological, ontogenetic, phylogenetic, social, geographic, ancestral, of movement, emotional, mental, sensitive, vibrational, energetic, sacred, of blessedness, experimented, artistic) which composes human life. This article points to a synthetic literature review and critique of the history of human anatomy, trying to understand the teaching-learning of this subject within the academic context of the sciences which study the body in health and in disease, today. The proposed hypothesis is the integration of knowledge of the sciences of body in health and in disease with those of Somatic Education, in the teaching-learning of the human anatomy. Thus are shown, concepts of Angel Vianna Methodology (AVM) – legitimized twenty nine years ago in the teaching-learning of the collective of this school and college which potentially present themselves capable of promoting a learning of the experimented anatomy in the student's body itself, as an active-practice didactics, in pedagogical philosophy of the School and College Angel Vianna (RJ). We sharpen the interest because AVM addresses the experimented anatomy of the living body, through body awareness through movement, such as self-knowledge and recognition of the structures which form the body, developing in the classes of body awareness through movement the study of experience of the anatomical-kinetic-physiological, within the principles: to wake up, to feel, to perceive, to move, to express, to dance.

Key-words: Anatomy, Experimented Anatomy, Body Awareness, Education through Movement, Angel Vianna Methodology (MAV).

Anatomias por meio da ótica da Educação pelo Movimento: O entendimento pode passar pelo Corpo, proporcionando à pessoa uma experiência de si mesma

A história da anatomia humana e da anatomia animal começou na pré-história da humanidade. Desde então, a anatomia sempre foi praticada com as mais diversas finalidades. Conforme Singer (1996), “desde a tradição do caçador, até o ofício do açougueiro, há um senso de anatomia adaptado aos fins.” (p. 19).

Podemos considerar o nascimento da ciência, como campo de conhecimento, no Egito do séc.VI a.C. Os egípcios foram os primeiros cientistas, anatomistas e médicos, seguidos cronologicamente pelos mesopotâmios, babilônios e gregos (séc. IV a.C.).

Dos gregos herdamos métodos, aplicações e a nomenclatura da disciplina anatomia.

A palavra **anatomia** é derivada do grego *anatome*, sendo *ana* = através de; *tome* = corte. O significado primevo, portanto, remete a cortar em partes, seccionar. É um termo aplicado aos cadáveres, de acordo com os interesses filosóficos e religiosos das épocas, que alicerçaram através dos séculos os conhecimentos das estruturas e funcionamento do corpo.

Perto da costa da atual Turquia, na ilha de Kós, nasceu o grego Hipócrates (séc.V a.C.) que é considerado o Pai da Medicina. De grande talento, percebia as doenças como distúrbios naturais e orgânicos. Criou a “Teoria Humoral da Enfermidade”, baseada na constituição líquida do corpo; também é considerado um dos fundadores da ciência anatômica.

Escreveu o Juramento Hipocrático que é repetido até hoje pelos estudantes desta arte. Os ensinamentos e juramento de Hipócrates deram partida aos códigos moral e ético da prática profissional. De acordo com Bynum (2011), atribuiu-se a ele e seus companheiros, denominados *Corpus Hipocrático*, a escrita ao longo de dois séculos de setenta e dois textos que compõe os “Tratados da Coleção Hipocrática”.

A medicina hipocrática era holística, pois interpretava as mudanças dos humores e os sonhos dos doentes (que os tinham interpretados pelo sacerdote-médico quando procuravam os templos de cura), da mesma forma que dominava o trabalho do alinhamento de fraturas, redução de articulações deslocadas, tratamento de ferimentos, operações e cirurgias.

Galeno de Pérgamo (129-99 d.C.) era filho do Império Romano, considerado grande escritor-médico. Contribuiu para o desenvolvimento da anatomia humana, dissecando animais. Estudou fisiologicamente cães, porcos, cavalos, aves, macacos e fez analogias ao corpo humano. Por isso cometeu grandes erros, já que durante toda a sua vida realizou apenas duas ou três dissecações humanas.

Durante o tempo que o Império Romano dominou o ocidente a mais significativa produção de conhecimento vinha dos povos islâmicos, que tiveram acesso e traduziram os textos de Hipócrates, Aristóteles e Galeno, preservando em árabe o acervo clássico. Tanto que dos séc. VIII ao XI a liderança intelectual no campo da medicina foi árabe. Essa cultura preservou e traduziu os documentos mais importantes da medicina grega.

Na Europa, o período escolástico (séc. XII – XIII) demarcou o latente estímulo da atividade mental e nenhum estímulo para o desenvolvimento dos sentidos. A observação da natureza foi totalmente negligenciada e não havia estudo anatômico prático. Houve decadência quantitativa e qualitativa do conhecimento médico empírico. A Universidade, conforme conhecemos hoje, surgiu nesse contexto. Dela ao próximo passo significativo na história da medicina, foram necessários dois séculos.

Mas o grande salto finalmente aconteceu, no Renascimento, quando o interesse pela representação da forma humana com a maior fidelidade possível foi afirmado por Leonardo da Vinci. Com dedicação e competência científica, verteu beleza artística sobre a humanidade, sendo até os dias atuais considerado um dos maiores artistas de todos os tempos e grande anatomista, ao lado de Andreas Vesálio (1514 -1564).

Vesalius foi um anatomista importante e um reformador na história da disciplina.

Na Universidade de Pádua, escola de espírito progressista e centro da Renascença científica, Vesalius graduou-se doutor em medicina e foi nomeado professor de cirurgia, aos 23 anos. Sua metodologia incluía marcar as articulações, assim como outras partes, demonstrando-as em modelos vivos. Como material didático apresentava desenhos e esqueletos sempre disponíveis, assim como animais para dissecação e experimentos, por meio dos quais realizava as descrições anatômicas.

Há dois livros publicados por Vesalius em 1543, o didático *Epitome* e Sua obra prima *De Humani Corporis Fabrica* (1543) que foi o primeiro Tratado Anatômico publicado, que integrava textos, com ilustrações belíssimas e detalhadas da estrutura do corpo humano.

A importância do estudo da Anatomia Humana, alavancado por Andreas Vesalius, é indiscutível na história do desenvolvimento do conhecimento científico do corpo humano. Ele inaugurou uma nova fase no ensino-aprendizagem da Anatomia humana, revelando as estruturas do corpo. Seus conhecimentos textuais e ilustrados perdurariam pelos séculos vindouros até os dias atuais.

Concordamos que o cadáver é um instrumento de estudo do corpo do ser humano e a sua utilização é importante para o desenvolvimento da ciência. Porém, os estudos das estruturas humanas não podem ser reduzidos, nem se encerram, no cadáver como fim.

Então, porque as antigas práticas utilizadas para o ensino-aprendizagem da Anatomia humana são repetidas há 450 anos, na maioria das instituições de ensino?

O mundo está em constante movimento e nunca paramos de tecer novas estruturas cognitivas. O conhecimento não se encerra ou estanca perante uma descoberta, mas continua a se desdobrar entre erros e acertos que se manifestam na continuidade das pesquisas.

A doutora Kruse (2003), observou a hipótese da repetição da aula de Anatomia, no decorrer dos anos, como um território rico na produção de visibilidades e discursos. O cadáver no formol é apresentado como semelhante ao ser humano, embora observemos que não tem a cor, a consistência, o turgor da pele, o odor ou a temperatura de um corpo quando vivo. A relação inicial do estudante com os cadáveres - como seus “semelhantes” - essa primeira impressão, esse primeiro vínculo, consciente e inconscientemente, rege a atividade que o estudante exercerá mais tarde na área de saúde. Estabelecendo a fria qualidade dos cuidados estendidos aos corpos que precisam de cuidados, determinando e reforçando o formato do sistema hospitalar vigente.

Para Kruse uma das questões relevantes dos estudos do corpo são “os poderes que determinados saberes têm de construir jeitos de olhar para o corpo, que estão implicados em modos de tratar, lidar e cuidar do corpo” (2003, p.12). Esses saberes estão explícitos nos currículos das escolas de estudos do corpo nas ciências da saúde e da doença.

São esses saberes que constituem, inicialmente subjetivamente e mais tarde objetivamente, o campo de produção e criação de significados. Vão produzir, através das intenções pedagógicas, as condições em que determinados saberes tornam-se verdades e passam a exercer o seu poder, produzindo simultaneamente tanto o profissional da saúde (quem detém o poder do saber), quanto o paciente (reduzido em sua complexidade a um “pijão”, símbolo de sua passividade).

Ainda de acordo com Kruse (2003), é necessário desarmarmos o olhar, com a finalidade de encontrarmos outras formas de ver o corpo. Maneiras de ver que reconheçam, além da sua materialidade, a sua constituição histórica e social.

Trata-se de desnaturalizar saberes e fazeres que pretendem ensinar um jeito “certo” de cuidar do corpo, de problematizar a sua invenção, de buscar as suas histórias nos campos das práticas e dos discursos. E assim voltar à questão básica: O que as enfermeiras devem saber? O que as enfermeiras devem se tornar? Minha intenção é dar nova vida aos relatos que explicam o que é o passado, usando a imaginação para fazer novas tramas que permitam realizar o que está dito e rever o que está visto, para que possamos nos ver e dizer de

outras formas e conhecer como os saberes e fazeres ensinados às enfermeiras produzem o “esfriamento dos corpos” (KRUSE, 2003, p. 23).

Embora o autor tenha realizado sua pesquisa voltada para a atividade das enfermeiras, podemos, em um exercício lógico, aplicar o axioma aos alunos, e estender sua concepção a toda a área de estudos do corpo nas ciências da saúde e da doença. Há que considerar a banalidade com que os mistérios da vida e da morte são apresentados, de forma tão insignificante, aos alunos dessa área de estudos.

É uma séria questão de educação a ser repensada. Precisamos considerar e reconsiderar esse primeiro contato, pois a forma como a disciplina Anatomia é lecionada produz marcas na área da saúde. Marcas que detém o poder de afetar significativamente os corpos. A questão apresentada é muito séria. Não se trata de uma questão moralista, dogmática ou que exclua a prática dos anatômicos, mas de uma questão pedagógica de “contato” e “percepção”, que urge ser reinventada, atualizada, visando a abertura dos currículos para a inclusão da educação pelo movimento.

Cabe indagar como proceder. Por onde começamos a reinventar a relação desses, e com, esses corpos? Questionando os saberes que são praticados, ao longo do tempo, sobre os corpos?

Talvez questionando os saberes que são estabelecidos como verdades aplicadas nos cursos de graduação nas áreas de saúde. Verdades que limitam, norteiam e determinam, inicialmente, a relação aluno / instituição, aluno / professor e, mais tarde, do paciente com os seus responsáveis médicos, enfermeiras, fisioterapeutas, dentistas, psicólogos, nutricionistas, técnicos de enfermagem, gestores hospitalares, seguradoras de saúde, etc.

Que educação é essa onde o estudo do movimento é falado e desenhado no quadro negro e slide show ao invés de ser praticado?

Que relação ensino-aprendizagem é essa, que delega à indústria hospitalar o papel de espaço instituído e responsável pela aplicação de todo o

conhecimento desenvolvido até hoje nas pesquisas do corpo na saúde e na doença?

Até quando partiremos da premissa de que o corpo humano deve ser levado em consideração a partir da dor e da doença; e que, enquanto não produzir um quadro disfuncional, o corpo pode continuar trabalhando.

A possibilidade de aprender anatomia humana, considerando o espectro das anatomias existentes simultaneamente em um corpo vivo, nos inspirou a encontrar formas de atualizar o estudo dessa disciplina. Formas de conhecer a anatomia humana viva, por meio da inserção do autoconhecimento do corpo - como instrumento da vida. Levou-nos a repensar o próprio termo anatomia, limitado ao cadáver, re-significando-o dentro da compreensão das *anatomias* que compõe a vida do ser humano em variados estratos sócio-culturais: anátomo-cinesio-fisiológica, histológica, microscópica, macroscópica, patológica, ontológica, ontogênica, filogênica, social, geográfica, ancestral, do movimento, emocional, mental, sensível, vibracional, energética, da bem-aventurança, experimentada, artística, sagrada.

É questionável que neste novo milênio, o ser humano ainda seja obrigado a “agüentar” permanecer quatro horas por dia, durante dezesseis anos, sentado num banco escolar, olhando para nuca do colega da frente e ouvindo o professor falar, falar, falar .

Havemos de considerar a necessidade de se repensar o sistema educacional brasileiro - do *jardim de infância* à universidade – pois o sistema vigente ainda reproduz a pedagogia escolástica da Idade Média e Iluminista do séc. XVII. É um sistema que ainda privilegia a noção de linearidade (inclusive espacialmente, fazendo os alunos sentarem-se em fila), de predomínio de procedimentos de avaliação racional dos conceitos e de memorização de conteúdos (a “decoreba”), onde o corpo não é levado em conta como produtor de conhecimento. Aprende-se com a razão, mas ignora-se o corpo. De acordo com Vianna (2009) “Analfabetos do corpo que só o percebem quando sentem dor”.

O novo milênio demanda conscientização e integração dos corpos físico, mental, emocional, social. A inclusão “do movimento” na educação vai ao encontro de questões que precisamos repensar para este novo milênio no intuito de ressignificar a pedagogia – reinventando-a mesmo. Urge a apresentação de novas propostas, com sistemas, métodos e técnicas que incluam a possibilidade do estudo do corpo, enquanto anatomia viva. Considerando o corpo que sente, percebe, expressa, cria e que pode e deve ser estudado por quem deseja entrar em contato com a anatomia em sua plenitude, de dentro de si mesmo, para o outro. As teorias e práticas do ensino-aprendizagem da saúde humana no cotidiano da educação, além do puramente intelectual, já podem englobar essas outras formas possíveis de se experimentar o conhecimento, incluindo a Educação Somática.

Pois, considerar o autoconhecimento, em todos os níveis, como disciplina para a vida e que deve ser praticado também em sala de aula, é um princípio relevante.

A proposta é o encontro com o corpo.

A rigor, a proposta é o encontro com o próprio corpo por meio do conhecimento do funcionamento das estruturas vivas em si. Está comprovado que o saber fundamenta-se de forma mais profunda quando o aluno é solicitado e estimulado a construir seu próprio conhecimento, com orientação e estímulo do professor. Por isso, a elaboração de material didático-pedagógico para a transmissão dos conteúdos como por exemplo da Anatomia, através também de segmentos artísticos (dança, teatro, artes plásticas), é imprescindível no meio educacional, inclusive o acadêmico.

O conceito de Educação Somática, tal como é conhecido o campo disciplinar que engloba métodos e práticas corporais – Metodologia Angel Vianna, Técnica Klauss Vianna, Eutonia, fasciaterapia, Técnica de Alexander, Pilates, Yoga, Feldenkrais, Leitura Corporal, Laban, Bartenieff, Gurdjieff – só para citar algumas – apesar de diferenças estruturais e metodológicas, tem em comum o viés no tratamento do corpo como uma totalidade, abordando-o em

seus aspectos perceptivos, cognitivos, motores, afetivos e expressivos simultaneamente (SOTER,1998).

Portanto, o conceito de Educação pelo Movimento não se restringe à proposição de um Método, técnica ou sistema “alternativo”, mas à ressignificação vigente de uma Pedagogia. Trata-se de uma resposta legítima à complexa mudança de paradigma na Educação.

Pensamos que a educação pelo movimento precisa ser inserida nas escolas: infantis, fundamentais, técnicas, faculdades, universidades. A proposta é que haja uma inclusão curricular, não como “metodologias alternativas”. E sim, como parte oficial, legitimada do currículo. A inclusão da educação pelo movimento nos currículos, configura-se instrumento capaz de contribuir e ampliar o horizonte do ensino-aprendizagem em geral neste novo milênio.

REFERÊNCIAS

- BYNUM, William. **História da medicina**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- CALANZANS, Julieta, CASTILHO, Jacyan, GOMES, Simone. **Dança e Educação em Movimento**. São Paulo: Cortez, 2003.
- RESENDE, Catarina. “O que pode um corpo?” A Metodologia Angel Vianna de conscientização do movimento como instrumento terapêutico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, vol. 18, número 3, setembro de 2008.
- SALDANHA, Suzana. **Angel Vianna: Sistema, método ou técnica?** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2009.
- SINGER, Charles. **Uma breve história da anatomia e fisiologia desde os gregos até Harvey**. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- SOTER, Sílvia. A educação somática e o ensino da dança. In: **Lições de dança 1**. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1998.
- TEIXEIRA, Leticia. **Inscrito em meu corpo: Uma abordagem reflexiva do trabalho corporal proposto por Angel Vianna**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PPGAC-UNIRIO, 2008.
- VIANNA, Klaus. **A dança**. São Paulo: Summus, 2005.

WEB

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3436/000400505.pdf?sequence=1>

KRUSE, Maria Henriqueta Luce. **Os poderes dos corpos frios – das coisas que ensinam às enfermeiras**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de doutor em educação. Porto Alegre, 2003.